

FICHA TÉCNICA

Título original: *Elizabeth II – Une Vie, Un Règne*

Autor: *Marc Roche*

Copyright © Éditions La Table Ronde 2007

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2016

Tradução: *Maria Carvalho e Filipe Guerra*

Imagem da capa © Alamy/Fotobanco

Capa: *Vera Espinha/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo – Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição, Lisboa, abril, 2016

Depósito legal n.º 406 240/16

Reservados todos os direitos

para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

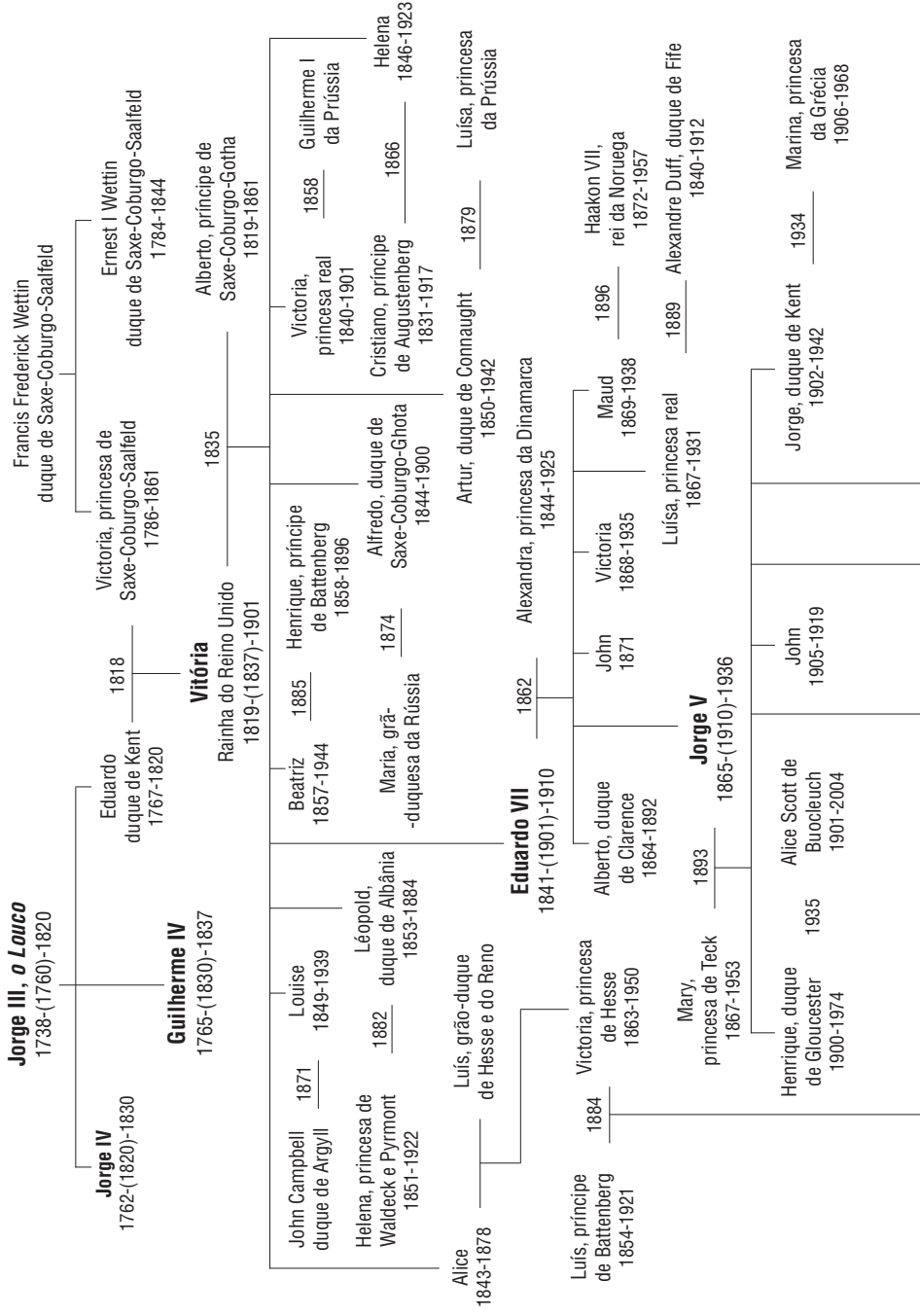
info@presenca.pt

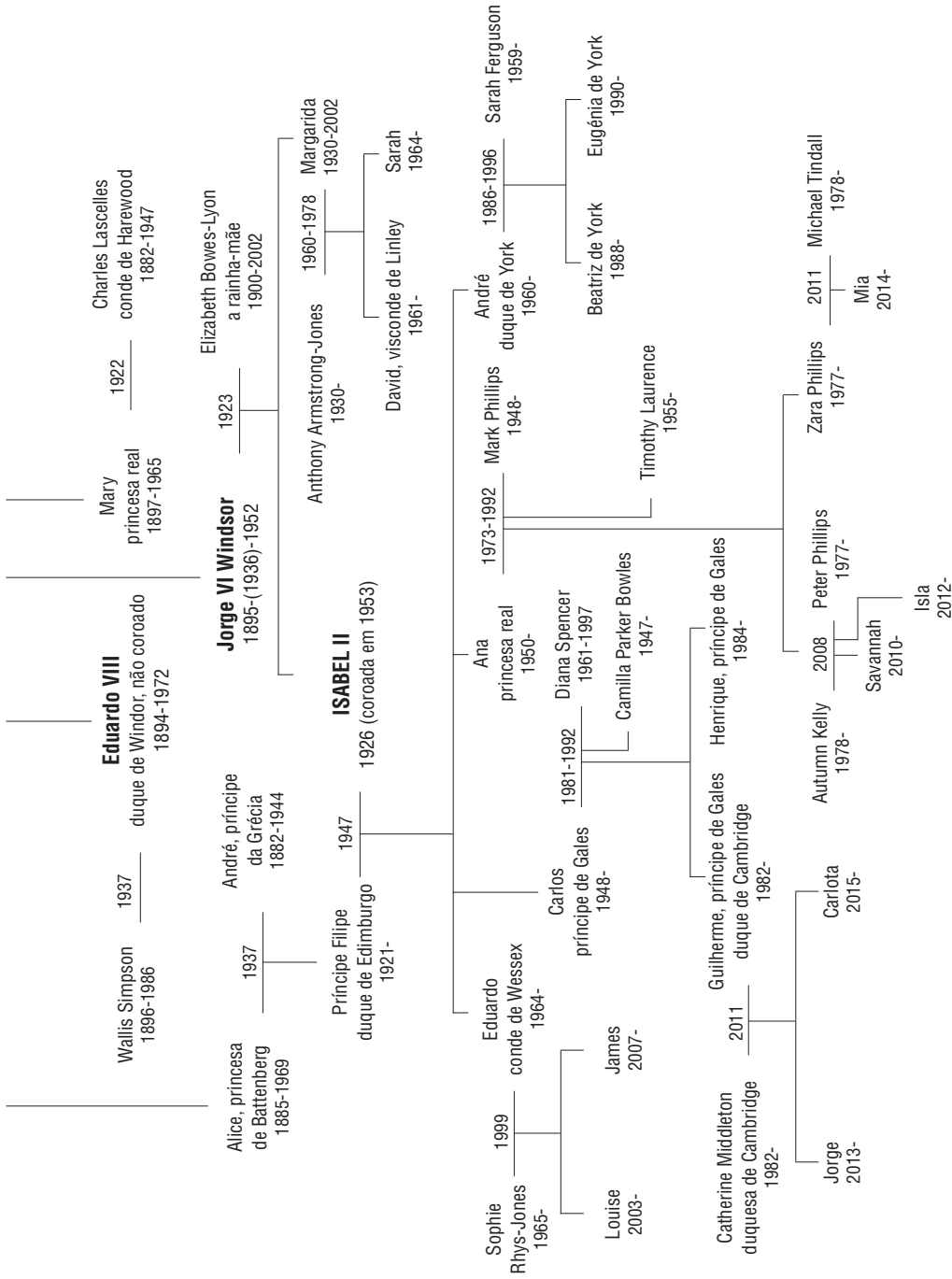
www.presenca.pt

ÍNDICE

Introdução	13
I — Infância (1926-1936)	17
II — Adolescência (1936-1947)	30
III — O rei morreu, viva a rainha... (1947-1952)	43
IV — A debutante (1953-1964)	56
V — A revolução dos anos sessenta	69
VI — O conto de fadas (1973-1981)	82
VII — Dama de copas, dama de espadas, dama de ferro (1981-1991)	93
VIII — «Annus horribilis» (1990)	105
IX — A guerra dos príncipes de Gales (1993-1996)	117
X — Sob a ponte de Alma (1997)	129
XI — A pacificação (1997-2007)	143
XII — Ao leme do reino (2007-)	155
XIII — Um trabalho para toda a vida	168
XIV — A nova geração	184
Conclusão — As nove vidas de Isabel II	195
Agradecimentos	199

Árvore genealógica





INTRODUÇÃO

Temos sempre a impressão de ter visto a rainha Isabel II, a monarca mais fotografada do planeta, num museu de cera. Talvez isto se deva ao facto de a soberana, com a idade de noventa anos, encarnar toda a história contemporânea não só do Reino Unido mas do mundo. A decana das cabeças coroadas europeias, que reinou durante mais tempo do que a sua trisavó, a rainha Vitória, que criou o Império britânico, é ao mesmo tempo chefe de Estado e da Commonwealth, comandante-chefe das forças armadas e governadora da Igreja Anglicana. Sua Majestade a rainha inimitável, que a tradição, terna e respeitosamente indulgente, qualifica sem qualquer hesitação de «graciosa», já faz parte do nosso imaginário, visto que a filha de Elizabeth Bowes-Lyon e de Jorge VI, neta de Jorge V e da rainha Mary, dificilmente deixa que a conheçamos concretamente. Como as estrelas...

Mas há mais. Ao longo dos últimos anos, o país mudou profundamente. O seu reino está mais desunido do que nunca. Apesar da vitória do «não» no referendo de 18 de setembro de 2014, os partidários da independência da Escócia não baixam os braços. A Inglaterra e o País de Gales cada vez reclamam mais autonomia. E o aumento da demografia católica fragiliza o processo de paz na Irlanda, relançando o sonho nacionalista de uma reunificação com a Ilha Verde. O alcoolismo e a violência dos jovens das periferias urbanas pobres têm piorado. Cavaram-se ainda mais as desigualdades sociais, em especial na educação, na habitação e na saúde.

Além disso, a crise financeira de 2008 baralhou os dados. Na minha qualidade de correspondente em Londres do diário *Le Monde*, cobri de muito perto a tempestade bancária que se abateu sobre

o planeta em 2008-2009 e que continua nos nossos dias. Ora, tal como a City, o Palácio de Buckingham é um dos emblemas do Reino Unido.

Isabel II manifesta pouco interesse pelos debates de ideias, que lhe parecem uma arte estéril. Quanto aos grandes *dossiers* económicos, não interessam verdadeiramente a uma soberana que nunca traz dinheiro com ela e nunca assinou um cheque na sua vida.

Acontece que a pior crise financeira desde os anos de 1930 não podia deixar indiferente esta detentora de uma fortuna pessoal considerável, constituída por um parque imobiliário importante e por uma rica carteira de ações e de obrigações britânicas.

Em novembro de 2008, dois meses depois do colapso do banco Lehman Brothers e da eclosão da tempestade dos créditos de risco conhecidos pelo nome de *subprimes*, a soberana, que nunca comenta as questões de atualidade, contrariou a sua atitude de reserva aquando de uma visita à London School of Economics, perguntando aos seus anfitriões: «Por que motivo ninguém se deu conta da gravidade da situação?»

A seu ver, o que se passa na City não é mais do que jogo de azar legalizado e, quanto aos jovens arrogantes, que ali se agitam, são perigosos especuladores. Como salientava o presidente Mitterrand, «ela é uma verdadeira rainha».

Em 21 de abril de 2016, a rainha Isabel II do Reino Unido comemora o seu nonagésimo aniversário. Esta é, em si, razão suficiente para dedicar um livro à personalidade que encarna a história contemporânea do Reino Unido. Em 2016 passam também 64 anos desde que subiu ao trono.

Ao contrário de um presidente eleito por sufrágio universal ou das outras famílias reais da Europa, uma redoma de vidro cobre a vida quotidiana de Isabel II. Nunca deu entrevistas à imprensa. Nenhum dos seus biógrafos, mesmo os mais sérios, teve acesso aos seus arquivos pessoais. Fazer com que se fale dela o menos possível: é este o *leitmotiv* da soberana, que se fecha como uma ostra às perguntas dos jornalistas. Em geral, os que sabem não se pronunciam e os que falam não sabem grande coisa.

Isabel II é uma página viva de história, ou não fosse ela a interlocutora de doze primeiros-ministros britânicos, de dez presidentes americanos, do conjunto dos chefes de Estado da Quinta República francesa. Na Grã-Bretanha, a efígie desta rainha está por todo o lado, nos selos postais, nas notas bancárias. As suas iniciais «ER» (*Elizabeth Regina*) decoram as pastas do correio dos ministérios, os marcos do correio vermelhos, as tapeçarias da Ópera de Covent Garden ou ainda o traje vermelho e dourado dos alabardeiros de chapéu raso Tudor. Os passaportes, as declarações de impostos e as cartas de condução são emitidos em seu nome. Os prisioneiros são detidos segundo a «indicação» de Sua Majestade.

É verdade que, no âmbito político, o seu campo de ação é limitado. De acordo com a fórmula oficial, ela apenas pode permitir-se «formular propostas, dar encorajamento e dar conselhos». Embora tenha em seu poder *dossiers* altamente secretos, guardados nos seus famosos cofres vermelhos, e disponha de um conselho privado composto pelas personalidades mais importantes do reino, o seu poder resume-se a acrescentar na sua letra redonda a fórmula executória por baixo do texto legislativo: «A rainha assim o quer».

Como explica Robert Lacey, historiador especialista da monarquia britânica que assinou várias obras consagradas a Isabel II, «não está na sua natureza opor-se a decisões dos seus primeiros-ministros. Já o seu filho mais velho e herdeiro ao trono, o príncipe Carlos, não hesita em dar a sua opinião, ao contrário da rainha que se manteve sempre acima dos jogos partidários, nunca criticando em público as ações de um chefe de governo».

Os seus súbditos, mesmo que não a amem, respeitam-na. A população aprecia que a soberana — ao contrário dos seus filhos e netos — nunca se tenha envolvido no mais pequeno escândalo. É muito louvada também a disponibilidade, a assiduidade da rainha no desempenho do seu cargo. Os mais duros dos republicanos criticam o sistema, mas por nada deste mundo denegririam Isabel II, que está acima de qualquer censura.

As paixões partidárias da última eleição presidencial francesa fazem com que nos interroguemos, além disso, sobre as vantagens do sistema

monárquico à inglesa, acima da confusão política. A instauração da república criou uma rutura na continuidade política da França. Os franceses republicanos sempre tiveram uma veia um pouco monárquica. Diz-se que o silêncio do monarca britânico vale por todos os discursos de um presidente francês.

Ao fim e ao cabo, o regime presidencial apresenta-se como uma amálgama surpreendente de realeza e de republicanismo. O exotismo da monarquia britânica, com os seus castelos, joias, cavalos, uniformes e chapéus de senhora... é alvo de uma curiosidade por vezes um pouco trocista no mundo exterior, mas a maior parte das vezes cheia de admiração.

O objetivo deste livro é tentar compreender o modo como, após mais de seis décadas de reinado, Isabel II continua a saber manter o seu prestígio intacto e firmar mais solidamente que nunca a monarquia britânica; e mostrar que esta monarquia, continuando a ser garante da democracia, constitui hoje a última muralha moral contra as derivas do liberalismo económico.

I

INFÂNCIA

(1926-1936)

Na primavera de 1926 o tempo está horrível, frio e chuvoso. Em Londres, um vento glacial fustiga as margens do Tamisa. A tempestade também não poupa o governo conservador de Stanley Baldwin. Prepara-se uma greve geral para apoiar os mineiros no seu braço de ferro com os grandes industriais do carvão que anunciaram baixas de salários. «Nunca mais seremos escravos, preferimos morrer de fome a aceitar uma redução dos salários», avisou o dirigente dos mineiros britânicos. Os «Roaring Twenties», os Anos Loucos, não são apenas os dos clubes noturnos de Mayfair, das receções da alta sociedade de Chelsea ou das regatas de Henley. Para a grande maioria da população do reino, são também os anos da miséria, das injustiças sociais e do desemprego.

Na previsão da greve, as forças armadas são mobilizadas. Os soldados montam acampamento em Hyde Park. O ministro do Interior, o «falcão» William Joynson-Hicks, quer resolver o problema acabando com a greve, pela força se necessário for. É outro assunto, porém, que o faz levantar da cama no dia 21 de abril de 1926. Um assunto de Estado: um nascimento real. Pouco depois da meia-noite, o ministro precipita-se para o n.º 17 da Bruton Street, no elegante bairro de Mayfair, onde a jovem duquesa de York — Isabel, aquela que viria a ser mais tarde a famosa «Queen Mum», falecida em 2002 com a idade de cento e um anos — dá à luz o seu primeiro filho. A esta casa luxuosa mal chegam os ecos da tempestade social, apesar de a mansão pertencer aos pais da jovem mãe, Lorde e Lady Strathmore, aristocratas escoceses e... grandes proprietários de minas de carvão.

Isabel, belíssima, é a penúltima de dez filhos e tornou-se uma debutante na *Swinging London* dos anos vinte. Num baile, conhece o príncipe

Alberto, duque de York, segundo filho do rei Jorge V, com quem se casa em 1923. Hesitou durante muito tempo antes de dar este passo. De facto, o príncipe Alberto era de constituição frágil, pernas raquíticas, meio gago, terrivelmente tímido, e era eclipsado aos olhos do público — e *a fortiori* no coração de qualquer jovem e ambiciosa aristocrata — por David, o irmão mais velho, príncipe de Gales, herdeiro da Coroa, sedutor nato, bonito rapaz quase com trinta anos e ainda solteiro.

William Joynson-Hicks não é o primeiro a chegar ao n.º 17 da Bruton Street. Três dos melhores ginecologistas do reino já se encontram no local. Como o parto se complica — apresentação pélvica do bebé — é necessário considerar uma cesariana. Mas alguma vez foi preciso um ministro para fazer uma? William Joynson-Hicks, quisesse ou não, teve de assistir a este parto, por força de uma tradição bissecular, uma dessas tradições que, ora encantadoras, ora absurdas, constituem a base da monarquia britânica e do reino. Esta remonta ao nascimento do filho herdeiro de Jaime II, em 1688, que levou à queda do monarca. Os seus adversários políticos e religiosos afirmaram então que o recém-nascido era na verdade um nado-morto e que o seu minúsculo cadáver tinha sido substituído por outra criança no quarto onde decorreu o parto, através de uma escalfeta de cama. O episódio histórico irá ficar conhecido como «a conjura da escalfeta». É por este motivo que, dois séculos e meio mais tarde, neste dia 21 de abril de 1926, William Joynson-Hicks se encontra presente, embaraçado, como testemunha de uma intervenção cirúrgica complicada.

Pouco antes das 3 da manhã, em conformidade com as suas prerrogativas, William Joynson-Hicks informa oficialmente o primeiro-ministro que o parto decorreu «institucionalmente» bem, uma vez que não constatou, *de visu*, qualquer substituição de recém-nascido, qualquer indício de conspiração católica, nem mesmo a sombra de qualquer escalfeta! Será preciso esperar pelo ano de 1948, ano do nascimento do príncipe Carlos, para que esta regra anacrónica seja revogada, depois de muitas consultas a peritos e a arquivos históricos... Assim evolui a tradição monárquica britânica que remonta à noite dos tempos: através de pequenos retoques pragmáticos, mas sem pressa excessiva.

É uma menina. «Um amorzinho, de constituição graciosa e lindos cabelos louros», assim o diz a rainha Mary que, chegando de madrugada com o marido Jorge V, não poupa elogios àquela a quem será posto o nome de Isabel, como a mãe. Os reis, como se sabe, preferem descendentes varões. «Espero que estejam contentes por terem uma netinha», escreve então o jovem pai aos soberanos, antes de acrescentar, como uma promessa: «Espero que tenham em breve um neto.» Nessa noite, curiosos e admiradores juntam-se em frente do n.º 17 da Bruton Street. O casal de York é popular, em parte graças à personalidade naturalmente valorosa da duquesa e que vai ao arripio do peso empolado da corte de Jorge V. Tendo isso em conta, a imprensa interessa-se mais pelo nascimento desta «criança real» do que se interessou pelos seus primos, os dois filhos da princesa Mary, nascidos três e dois anos antes.

No entanto, nem os jornalistas, nem a multidão, nem a corte, nem o governo apostariam um xelim nas possibilidades desta Isabel jovem subir ao trono. Na altura, quem poderia imaginar que ela se tornaria Isabel II e reinaria na segunda metade do século e para além dele? Somente o *Daily Mail* de 22 de abril de 1926 se arrisca a lembrar que «o bebé que ontem era assunto de todas as conversas do reino pode em teoria tornar-se rainha de Inglaterra». A recém-nascida chega sem dúvida bastante depressa ao terceiro lugar, na ordem de sucessão, depois de David, o príncipe de Gales, e do seu irmão Alberto. Ela passa efetivamente à frente dos filhos mais velhos de Jorge V. Mas Alberto pode muito bem ter um filho — que passaria então à frente da filha Isabel. E David, sobretudo, está programado, como qualquer herdeiro, para se casar, logo para procriar, e assim abrir uma nova linha de sucessão, direta.

A infância da futura rainha, «Lilibet» como lhe chamaram na família, decorre nesta despreocupação, nesta certeza de que ela, de qualquer maneira, não será chamada a reinar. O seu destino está portanto traçado por antecipação como membro menor da família real. Hoje, com noventa anos, ela seria apenas uma prima ou uma tia do soberano atual. A não ser que caísse na depravação, o que não é o género dela, não interessaria aos meios de comunicação. Representaria o chefe de

Estado nas deslocações de segunda ou terceira ordem e em cerimónias irrelevantes. O palácio real cobriria as suas pequenas despesas de representação e nada mais. Quanto ao resto, teria de contar com o seu mealheiro pessoal. O essencial das suas atividades resumir-se-ia a ocupar-se de algumas obras filantrópicas.

O destino e o acaso decidiriam porém de outra maneira, tornando hoje «Lilibet» a cabeça coroada mais prestigiada do mundo.

Entretanto, Isabel cresceu entre Londres, o castelo de Windsor — um presente de Jorge V ao seu filho preferido, Alberto, a quem chamavam «Bertie» — e a Escócia. No casulo familiar materno e sob a redoma dourada das crianças da família real. Nem pensar em ir à escola e tão-pouco, aquando dos seus passeios com a ama pelos jardins públicos, em brincar com as outras crianças à macaca, às escondidas ou a saltar a corda. Na capital, a família mudou-se para o n.º 145, Piccadilly, uma residência típica da aristocracia inglesa, grande mas exteriormente discreta, perto de Hyde Park Corner, a uns passos do Palácio de Buckingham. Vinte e cinco quartos, contando com os da criadagem, um grande terraço, um jardim enorme. Essa casa virá a ser destruída por um bombardeamento durante a guerra.

A família alarga-se em 1930 com o nascimento de Margarida. Por esta altura, o novo ministro do Interior, um trabalhista, terá de esperar cinco horas num castelo escocês antes de fazer o seu papel de testemunha. O nascimento foi seguido por uma pequena polémica institucional. Segundo alguns especialistas, as duas irmãs podem em teoria reivindicar os mesmos direitos sobre a sucessão real: nenhuma lei, nenhum texto, nenhuma jurisprudência prevê, com efeito, no caso das mulheres, a precedência da mais velha. O rei ordena um estudo e o assunto é rapidamente resolvido: Isabel continua a ser a terceira na linha da sucessão. Jorge V foi longe demais? O rei, muito conservador e rígido nas suas convicções, detesta o filho e sucessor esperado, o príncipe de Gales, mulherengo inveterado e celibatário. Confessa as suas inquietações a um membro da corte: «Rogo a Deus que o meu filho primogénito nunca se case nem tenha filhos, e que nada se interponha entre o trono e Bertie e Lilibet.» David não se «enquadra» no ambiente rígido da corte da época. O príncipe herdeiro é então um dos mais ricos partidos para

as cabeças coroadas e as aristocratas do mundo inteiro. É um árbitro da moda e tornou-se o solteiro mais fotografado do seu tempo, tanto como uma estrela de cinema. As suas conquistas já não têm conta, especialmente de mulheres casadas. «Por razões hereditárias ou fisiológicas, o seu desenvolvimento mental parou na adolescência», viria a escrever sobre ele, maldosamente, um dos seus antigos secretários particulares. «Depois da minha morte, o rapaz vai fazer a sua própria ruína em doze meses», teria mesmo dito o rei Jorge V a propósito do seu indigno filho.

À medida que cresciam, Isabel e Margarida tornaram-se as melhores amigas do mundo, talvez pelo facto do isolamento em que viviam, um isolamento que se tornou mais tarde, durante a guerra, ainda maior, quando ficaram confinadas ao castelo de Windsor para fugirem dos bombardeamentos. Margarida foi sem dúvida alguma a pessoa mais próxima de Isabel, pelo menos até ao casamento desta. Em qualquer caso conservou-se, até à sua morte em 2002, a irmãzinha adorada da soberana, que sempre a protegeu.

Os pais das miúdas são muito presentes, ou tentam sê-lo, depois de cumpridas as obrigações de Estado. O príncipe Alberto, em segundo lugar na linha de sucessão, é por vezes solicitado pelo rei seu pai para missões de representação que podem levá-lo ao outro extremo do mundo. Isabel tem apenas nove meses quando os pais embarcam no *Renown* para uma longuíssima viagem oficial que os levará a domínios britânicos longínquos, até à Austrália. «Ela era tão gira [...] que quase me partiu o coração deixá-la», escreve, em tom de crítica encoberta, a duquesa de York à sua sogra, a rainha Mary. Tudo reside talvez neste «quase», toda a contenção obrigatória, tudo o que não é dito, todo o peso da função real. No seu regresso da Austrália, seis meses mais tarde, os pais mal irão reconhecer a sua «Lilibet»...

O tímido e apagado príncipe Alberto aspira apenas a uma coisa: manter-se o mais possível afastado dos assuntos da corte e, sobretudo, do seu pai, Jorge V, que o educou com um distanciamento e um rigor muito vitorianos, respeitando, em qualquer caso, uma pompa poeirenta digna do século XVIII. Sim, porque durante a infância da futura Isabel II, tetraneta da imperatriz Vitória, a monarquia britânica

respira ainda a rigidez da antepassada, falecida em 1901. É verdade que a Grande Guerra não poupou o reino. O primeiro conflito mundial levou ao fim do poderio britânico e à emergência dos Estados Unidos na cena internacional. Jorge V, tentando fazer esquecer as origens alemãs da monarquia britânica, criou em 1917 uma nova denominação da dinastia real, suprimindo o título oficial de Saxe-Coburgo-Gotha e inventando a linhagem Windsor. Por mais que os domínios coloniais reclamem a autonomia, o mesmo Jorge V continua a ser nomeadamente rei do Reino Unido, da Comunidade Britânica e imperador das Índias. Na corte, a etiqueta é imutável e a educação dos infantes reais é rigorosa. De acordo com um testemunho, a pequena Isabel terá inclusivamente sido repreendida pela mãe por ter deixado escapar em público um «My Goodness!» quando tinha quatro anos. No n.º 145 de Piccadilly, reina a disciplina, as meninas deitam-se cedo, os presentes são raros.

No entanto, os duques de York não escondem o seu amor pelas filhas. Apesar da etiqueta afetada e rigorosa, a vida familiar é calma, equilibrada, afastada tanto quanto possível do protocolo. A mãe Isabel ocupa-se diretamente, em parte, da educação das duas filhas e passa a maior quantidade de tempo possível no seu andar da grande moradia, o último: quartos grandes, salas de jogos, casas de banho, grandes vidraças que dão para o Hyde Park. A duquesa não quer que as suas crianças acabem por se parecer com os filhos da média aristocracia inglesa, «mimados e desprezíveis», segundo a sua própria expressão. Depois de um casamento conseguido, ela parece não ter outra ambição para ela e para as filhas que não seja a de uma família abastada mas rotineira. O pai, Alberto, também tem gostos simples: cães, cavalos, jardinagem, caça, e uma família unida, nuclear. Em resumo, fins de semana em Windsor «só com nós quatro», dirá ele.

A pequena Isabel é também muito chegada aos avós, nomeadamente a Jorge V. Durante uma visita do arcebispo de Cantuária ao Palácio de Buckingham, passeia-se a cavalo no avô, o rei Jorge V, obrigado a pôr-se de gatas no tapete. Puxa-lhe a barba e despenteia-lhe os cabelos, chamando-lhe «avô Inglaterra». O soberano brinca frequentemente com ela, coisa que nunca fizera com os próprios filhos, criados com

um distanciamento e uma severidade absolutamente aristocráticos. Durante o inverno de 1928-1929, o rei está doente, acamado, como acontecia com frequência alarmante. Pois bem, era a pequena Isabel que o rei chamava para a sua cabeceira todas as manhãs, para lhe fazer companhia. Reza a crónica popular que foi ela quem mais contribuiu para o seu restabelecimento. Lenda ou realidade? Tudo o que diz respeito à infância de Isabel teve muito tempo para ser «colorido», como se diz de um velho filme a preto e branco. E a imagem do avô babado serviu sem dúvida os interesses do palácio, ao tentar suavizar a do monarca que aterrorizava os seus filhos e, também, os seus conselheiros e a corte.

Uma das fontes mais ricas, embora não necessariamente a mais fiável, continua a ser o livro de Marion Crawford, *The Little Princesses*¹. Esta professora primária de pulso, oriunda da classe média escocesa, foi durante catorze anos a governanta de Isabel e Margarida. Depois da sua saída de funções em 1950, vendeu as suas memórias a uma grande editora. Esta é uma estreia daquilo que virá a caracterizar, com meio século de avanço, a caça desenfreada às bombas sensacionalistas e às confidências muito bem pagas sobre tudo o que diga respeito à casa real, sendo que o mais escandaloso é o mais bem pago. A obra cria de facto escândalo, muito mais pela «traição» que representa do que pelo conteúdo — a hagiografia de uma família idílica num tom tão pouco escandaloso como os romances cor-de-rosa de Barbara Cartland. Na corte, «fazer uma Crawfie» — a alcunha dada à governanta pelas duas meninas — tornar-se-á mais tarde sinónimo de ato de traição. A expressão caiu em desuso quando criados indelicados e criadas indiscretas se puseram a «fazer o seu Crawfie», aumentando os lanços neste leilão de inevitáveis boatos, rumores de escritório e de casa de banho.

Lendo este livro, vemos que, se Margarida se distingue pela sua fantasia, Isabel caracteriza-se pela sua seriedade, a sua aplicação e, sobretudo, a sua excessiva meticulosidade. A criança levanta-se de noite para verificar se arrumou bem a roupa para o dia seguinte, se os sapatos estão bem alinhados, etc. Ordena, segundo o tamanho,

¹ St. Martin's Press, 2003.

os bombons de café que os pais lhe dão no fim do almoço, e come os mais pequenos em primeiro lugar. Aproveita o papel das embalagens das prendas que recebe. Na corte, a poupança é uma virtude. «A princesa era uma menina muito cuidadosa», escreve Marion Crawford. «Margarida dá-me alegria, Isabel orgulho.» Esse comentário do pai resume bem a diferença de temperamento das duas filhas. A mais nova é a preferida. A mais velha, séria, estudiosa e tranquila, desconcerta-o. «É estranha», confessa um dia. Contudo, a sua noção de ordem e de arrumação e o seu apreço pela rotina ser-lhe-ão muito úteis nas provocações que a esperam.

A educação propriamente dita — ou a ausência de educação, irão alguns ironizar mais tarde — não é a parte mais exigente do dia. Na primeira metade do século, a alta sociedade britânica entrega esse cuidado a preceptores, pelo menos no que respeita às raparigas. Esse encargo, por conseguinte, é confiado à professora Marion Crawford, que se limita a dar-lhes algumas aulas de história e de inglês, mas não mais do que oito horas por semana no total. Mais tarde virá a acrescentar-se ao programa a aprendizagem do francês, confiada a outro professor. No n.º 145 de Piccadilly, é organizada uma pequena sala de aulas no andar abaixo do das princesas. «Os seus pais achavam que, para uma menina da aristocracia, sobrinha de um futuro rei e cujo destino se limitaria a fazer um bom casamento e a ter filhos, uma instrução puxada não era necessária», explica Michael Rose, jornalista e biógrafo de Jorge V. A mesma dedução faz «Crawfie»: a principal preocupação dos duques de York era a de oferecer às filhas «uma infância feliz e, mais tarde, casamentos felizes». A mãe teria no entanto insistido em enviar a filha mais velha à escola, privada, evidentemente, como era costume em Inglaterra nas classes mais abastadas. Queria que a filha fosse «educada como uma criança normal». A duquesa acabou por desistir, pressionada que foi, nomeadamente, pelo rei e pela rainha, e depois de consulta ao governo. Conviver com outras crianças poderia causar problemas, além de que a escolha da escola seria um quebra-cabeças, uma vez que provocaria invejas nos estabelecimentos, destinados à *gentry*, que fossem preteridos. Uma coisa é certa: o simples facto de este debate ter sido abordado pela imprensa mostra que o país

se interroga e que uma evolução está a acontecer. No entanto, seria necessário esperar ainda uma geração, a do príncipe Carlos, para que as crianças da família real entrassem nas salas de aula.

À falta de recintos escolares, a pequena Isabel vai frequentar os estábulos. Tem apenas três anos e meio quando aprende os rudimentos de equitação, escolhendo as suas montadas nas estrebarias do Palácio de Buckingham, sob a supervisão dos pais e, sobretudo, de um coronel e mestre de equitação da família real. Para ela, isso viria a ser, mais do que um simples divertimento, uma verdadeira paixão. Isabel não gosta somente de montar, mas também de cuidar das montadas. Este amor pelos cavalos, pela equitação, pela criação equina, pelas corridas hípicas, nunca será renegado. Ainda hoje, Isabel II adora os hipódromos, nomeadamente Ascot, onde se mostra uma especialista. Ela compreende realmente os *pedigrees* e nota de imediato as qualidades físicas de uma boa poldra.

O seu primeiro cavalo, *Peggy*, um pônei *shetland*, foi-lhe oferecido em 1932 pelo avô, Jorge V. Em 1947, o Aga Khan dá à princesa, como prenda de casamento, o seu primeiro puro-sangue, a que ela chama *Astrakhan*. Inspirando-se no estandarte real, Isabel também escolhe as suas próprias cores: casaca escarlata, mangas tufadas cor de púrpura, boné preto. Em 1952, por morte do pai, a nova rainha herda as suas cavaliças e cerca de trinta cavalos de corrida. Ao longo dos anos, a proprietária pode vangloriar-se de ter ganho quatro dos cinco clássicos ingleses, faltando-lhe apenas, para realizar o grande *slam* hípico, o Derby de Epsom. Em 1974, aquando do Prix de Diane em Chantilly, assiste ao triunfo do seu cavalo, *Highclere*, que chega dois comprimentos à frente do favorito, *Comtesse de Loir*. Atualmente, a rainha possui numerosos puros-sangue, destinados às corridas planas, cavalos de *steeple-chase* herdados da rainha-mãe, garanhões e pôneis, criados em Balmoral, na sua residência escocesa. «Se eu não tivesse sido quem sou, seria uma senhora que viveria no campo, rodeada de muitos cavalos e cães», diria ela um dia.

Cavalos e cães são os substitutos dos companheiros de brincadeira que Isabel não teve na sua primeira infância? A impressão que o casulo familiar dá é a de claustrofobia doméstica. As princesas levam uma vida

muito ordenada, confortável e isolada. «Era um lar muito familiar e sem pretensões», escreve Miss Crawford. Por vezes, uma criança de bom nascimento vem tomar o chá ao n.º 145 de Piccadilly, mas são raras as ocasiões em que tal acontece. E quando Isabel faz uma amizade um pouco mais séria com uma jovem vizinha, filha de um radiologista eminente, essa amizade acaba quando a jovem é mandada para um internato.

A pompa e os cerimoniais também fazem parte da aprendizagem das duas meninas. Assim, por ocasião do jubileu de prata do rei Jorge V, a 6 de maio de 1935, Isabel e Margarida acompanham-no no coche real entre o Palácio de Buckingham e a catedral de São Paulo. A sua juventude e graciosidade fazem delas as estrelas destas cerimónias. Elas representam a geração futura da monarquia e têm direito, em honra desse acontecimento, aos seus primeiros retratos em selos. O jubileu foi um êxito. Aconteceu num ano de recuperação da confiança, quando o pior da Grande Crise já tinha passado. A imprensa não poupou elogios às duas princesas, «de traços regulares, olhos azuis, a pele clara, de uma naturalidade feliz, embora sérias e dignas». As multidões e as aclamações estão presentes e, para Isabel, são as primeiras do género.

Apesar da euforia, nesse dia Jorge V está preocupado: sabe que o seu estado de saúde está a piorar. Há já muito tempo que ele sofre de broncopneumonia crónica e de pleurisia. Alguns meses antes do jubileu, foi com voz fraca que pronunciou a sua mensagem de Natal na TSF — uma modernização da monarquia que ele próprio estreara em 1932. No outono, já não tem energia para brincar com a pequena Isabel. Consegue apenas dar alguns passos e tem de parar para recuperar o fôlego, e passa cada vez menos tempo no palácio. O seu próprio irmão, Albert Victor, que deveria ter sido herdeiro do trono, morreu jovem, com vinte e oito anos, em 1892, de uma pneumonia. A 15 de janeiro de 1936, em Sandringham, no Norfolk, uma das residências privadas da família real, Jorge V queixa-se de «uma constipação» e vai deitar-se. No dia 17, a rainha Mary interrompe as brincadeiras de Isabel, com nove anos, e de Margarida, com cinco, na neve dos jardins de Sandringham, e levam-nas à cabeceira do «avô Inglaterra», para o último adeus. As meninas são levadas logo depois para Windsor.

Jorge V falece no dia 20, rodeado pela mulher e filhos, ajudado por médicos que lhe injetaram três quartos de grama de morfina e um grama de cocaína.

Milhares de pessoas desfilam perante os restos mortais do rei no palácio de Westminster. Jorge V foi um rei popular, que soube simbolizar o patriotismo britânico durante a Primeira Guerra Mundial. Era eminentemente conservador, como competia na época a um monarca, ainda por cima neto da rígida rainha Vitória, soube apesar de tudo adaptar-se, dar provas de neutralidade e de capacidade de moderação. Ficou muito inquieto, no pós-guerra imediato, com a subida dos trabalhistas, associados na sua mente e nas dos seus conselheiros ao socialismo e ao republicanismo, acabou no entanto por criar boas relações com os mais moderados entre eles e mesmo com alguns líderes sindicais. Foi, aliás, com a maior das afabilidades que recebeu no Palácio de Buckingham, em janeiro de 1924, Ramsay MacDonald para o nomear primeiro chefe de um governo trabalhista da história. Aquando da grande greve geral de maio de 1926, que termina com a derrota dos sindicatos e dos mineiros, o rei teria tentado moderar os ardores guerreiros do seu governo, nessa altura conservador. Tenta dar uma imagem da monarquia um pouco menos aristocrática, a exemplo do seu filho Alberto. De resto, não há nada de que ele goste tanto como a vida de família. Os fins de semana de caça no campo e a sua célebre coleção de selos. E quando a grande crise económica atinge o Reino Unido, aceita imediatamente uma redução do orçamento da família real.

Sucede-lhe o filho mais velho. David sobe ao trono sob o nome de Eduardo VIII. A sua coroação oficial nunca se concretizou. Ao mesmo tempo, Isabel passa para o segundo lugar na linha de sucessão, uma vez que o novo rei continua sem descendência. A vida da princesa Isabel, porém, em nada se altera. Num primeiro momento, em todo o caso, ela é poupada pela crise institucional em fermentação. Em maio, o rei Eduardo VIII leva uma amiga americana, uma tal Mrs. Ernest Simpson, a um chá na Royal Lodge de Windsor para a apresentar aos duques de York e às suas duas filhas. Isabel, com dez anos, nutre uma afeição profunda pelo tio David que, por outro lado, é próximo do seu irmão Bertie, apesar dos caracteres e modos de vida muito diferentes.